

## Resenha

---

### A canção das sete cores: educando para a paz

#### The song of seven colors: educating for peace

ANA LÚCIA SOUZA DE FREITAS \*

---

A leitura de A canção das sete cores desafia-nos a assumir a cultura de paz como finalidade educativa. “A paz não é branca e abstrata. Ela é bem concreta e de todas as cores” (p.207). Esta é a provocação feita por Carlos Rodrigues Brandão aos seus leitores e leitoras e, especialmente, aos educadores e educadoras.

A whipalla é o símbolo utilizado pelo autor para expressar a amplitude do tema. Refere-se, detalhadamente, à bandeira que conheceu nas ruas de La Paz, na Bolívia, e que representa a luta pelos direitos dos povos indígenas de diversas etnias dos Andes. Trata-se de uma bandeira da paz que, diferentemente da tradicional bandeira branca, é composta de sete cores. Como num jogo, o autor a descreve minuciosamente, convocando a imaginação do leitor/a:

(...) é uma bandeira quadrada e dividida em 49 caselas, tendo como resultado sete linhas verticais cruzando por igual sete linhas horizontais. Suas sete cores: branco, amarelo, laranja, vermelho, lilás, azul e verde ocupam, cada uma, sete caselas. A cor branca ocupa as da diagonal do centro e, assim, divide a bandeira em duas partes iguais. A amarela ocupa uma casela da parte de cima e seis da de baixo; a laranja, duas e cinco, e assim por diante. Experimente desenhar e colorir esta bandeira. Não é difícil e o resultado é belo e sugestivo: sete cores, sete vezes (p.11).

Segundo ele, “O desejo pela paz ganhou agora sete cores” (p.10). É, pois, sob este título sugestivo – sete cores, sete vezes – que o autor introduz sua reflexão,

---

\* Doutora em Educação pela PUCRS; professora do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento (DECC) da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG).  
E-mail: [anafreitas@vetorial.net](mailto:anafreitas@vetorial.net)

#### Educação

Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 2 (59), p. 452 – 456, Maio/Ago. 2006

ampliando as referências do leitor/a. A seguir, complexifica ainda mais a metáfora que propõe, sugerindo que possamos imaginar as sete cores como cores sonoras que se juntam às notas musicais para entoar uma canção de paz: a canção das sete cores.

Com essa introdução, o autor problematiza o possível senso comum de seus leitores/as em função de uma tão fixa quanto abstrata representação da paz. Deixa clara sua compreensão de que a paz não se reduz a imagens, palavras ou poemas, mas requer “gestos poéticos e atos políticos que comecem por transformar pessoas e terminem por participar com elas da transformação de suas vidas, de suas sociedades de vida cotidiana e da história” (p.14).

Em seus oito artigos reunidos nesta publicação, o autor contribui para fundamentar uma educação comprometida com a cultura da paz. Lidos separadamente ou em conjunto, cada capítulo revela uma forte convicção que perpassa a todos e influencia fortemente o leitor/a. Trata-se da compreensão de que “a paz se aprende a criar e a viver” (p.13). No capítulo 1 - Em paz com a vida – apresenta um breve ideário sobre uma experiência de vida vivida em busca da paz, tendo como compreensão primeira a noção de que “todo o saber é partilha” (p.17). Na continuidade de sua reflexão, desenvolve, de modo mais alongado no capítulo 2 - Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade de vida – oito pontos concebidos pelo autor como “rascunhos imaginários” de princípios indicadores do que seria “viver e conviver com uma vida de qualidade na construção de uma qualidade de vida” (p.31).

Opondo-se à qualidade de vida preconizada pela economia globalizada de mercado, sugere que palavras como “interesse”, “negócio” e “utilitário” sejam substituídas por “palavras-semente”, tais como: interação, conectividade, comunicação. Ou seja, palavras que contêm uma idéia germinal a ser semeada. Revela assim sua compreensão acerca da cultura da paz como perspectiva de uma ação educativa politizada, que assume posição de enfrentamento à desumanização legitimada pelos valores da sociedade de mercado.

A cultura da paz é, pois, concebida por Carlos Rodrigues Brandão como um dos desafios à atualidade das práticas de uma educação libertadora, pois requer, além de sentimentos, uma disposição para o pensamento e a ação transformadora. De fato, a própria biografia do autor se faz testemunho das conexões entre a educação para a paz, a educação popular-libertadora, e ainda a educação ambiental. Ao revelar seu envolvimento profissional e militante com cada uma delas, considera que, com diferentes nuances, todas buscam uma opção humanista e emancipatória do trabalho da educação. No capítulo 3 - A natureza da paz - sugere seis pontos que resumem sua compreensão acerca das relações entre a educação ambiental e a construção da paz. Conjuntamente, tais aspectos sustentam sua proposi-

#### Educação

ção a respeito de uma educação ambiental emancipatória e dirigida à causa da paz (p.84).

No capítulo 4 – Um outro pensar para um outro viver – apresenta textualmente e comenta os preâmbulos e os artigos do Manifesto da transdisciplinaridade referente ao Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade realizado em novembro de 1994 em Portugal. No contexto dessa reflexão, o caminho para a paz vislumbra-se diante da defesa por uma educação como experiência de acolhida e de partilha.

Como um aprofundamento dessa perspectiva de educação, destaca no capítulo 5 – A mente e o coração, a confiança e o diálogo – a complementaridade das contribuições de Paulo Freire e Humberto Maturana para sustentar o “primado da confiança no outro” como fundamento de uma experiência educativa intencionada à partilha de saberes, visto que esta requer é “um sentimento partilhado de confiança recíproca” (p.131). Esta compreensão se associa a um dos valores-princípios - enumerados pelo autor, ao final deste capítulo – de uma educação integrada em um projeto ao mesmo tempo local e planetário de instauração de uma cultura da paz: “a finalidade da educação é o desenvolvimento humano e não o desenvolvimento econômico. A pessoa humana, e não o mercado de trabalho do mundo dos negócios, é o seu destinatário, a razão de seu exercício” (p.147).

A roca e o calmo pensar é o título que o autor toma de empréstimo de um dos livros de fragmentos de Mahatma Gandhi, sendo esta uma forma de fazer-lhe uma homenagem. Carlos Rodrigues Brandão atribui a ele os onze pontos para a cooperação que são a fonte de sua reflexão de capítulo 6: (1) Amar incondicionalmente todos os seres vivos; (2) Semear, plantar e cuidar das árvores sobre todos os cantos da Terra; (3) Defender os elementos naturais; (4) Vestir e alimentar-se com simplicidade, de forma a não explorar em excesso os recursos naturais; (5) Não separar o Ser Humano da Natureza; (6) Tratar as crianças e os adolescentes com grande compreensão pelas Vidas que agora começam a brotar; (7) Tratar os mais vividos com afetividade e respeito, pela grande maturidade das experiências acumuladas durante suas existências; (8) Praticar solidariedade com os doentes e os empobrecidos, dando alimento em todos os níveis aos que têm fome de comida e sede de libertação; (9) Respeitar com compaixão as manifestações políticas, religiosas e culturais que levem ao Caminho da Liberdade; (10) Partilhar a responsabilidade da boa palavra e do calmo pensar; o lúdico do brinquedo; a alegria da amorosidade; o lúcido do discernimento, na construção de uma Nova consciência para todas as formas de vida; (11) Comprometer-se a vivenciar e compartilhar estes onze pontos em nome da paz na Terra, porque conhecer + praticar = sabedoria. Os onze pontos, inspirados nos princípios da não-violência, revelam a

### Educação

simplicidade e a grandiosidade do testemunho de Mahatma Gandhi acerca da cultura da paz como um horizonte possível.

É, pois, no entrecruzamento da diversidade de tais contribuições que Carlos Rodrigues Brandão elucida sua compreensão acerca da cultura da paz como um desafio atual e suscita o questionamento sobre os sentidos atribuídos às práticas educativas que buscam se constituir como atuações transformadoras. Utilizando-se de uma linguagem bastante acessível, Brandão conversa com seus leitores e leitoras reiterando, em diversos momentos do texto, algumas compreensões cujo esquecimento acarreta grandes prejuízos às intencionalidades transformadoras das práticas educativas.

Ao referir a arbitrariedade de valores e exigências de uma educação regulada pelo mercado, argumenta, inversamente, que uma educação intencionada para a cultura da paz precisa nos ajudar a “urgente descobrir os caminhos da simplicidade do existir” (p.179). Esta, entre outras compreensões, contribuem para reiterar sua convicção de que “criamos a cada dia o mundo onde vivemos, mesmo quando ele parece mover-se ou deixar-se por conta própria e fora de nosso alcance” (p.186). Sendo assim,

se quisermos ser abertos e verdadeiros em nosso ofício de educar, devemos nunca esquecer este esquecido princípio: de minha casa ao meu país, os mundos sociais em que vivo são os mesmos de cuja construção – para o bem ou para o mal – eu participo. Qualquer que seja o governo de minha nação, ele não existe por si e em si mesmo, mas é um contínuo e efêmero (mesmo quando pareça eterno) resultado de ações e negociações de e entre pessoas como nós e não apenas como “eles” (op. Cit.).

Com tais afirmações, o autor instiga a consciência histórica de seus leitores e leitoras, desafiando-lhes igualmente ao desenvolvimento desta através de suas práticas educativas. A este respeito, posiciona-se explícita e criticamente: “a história não é um acontecer de grandes lances, como alguns livros nos tentam ensinar. É a seqüência vivida e pensada da própria vida cotidiana, quando além de ser a vida de cada dia, é a busca coletiva do sentido do viver cada dia” (p.187).

Como é possível perceber, as idéias apresentadas em A canção das setes cores não são totalmente inéditas nem esgotam a complexidade do tema, mas têm o mérito de chamar atenção para a sua relevância e também de indicar caminhos para seu posterior aprofundamento. É o caso, por exemplo, do capítulo 7 - A paz ou a barbárie? - que remete à leitura de outra densa obra do próprio autor - A Educação como cultura - para ampliar a compreensão acerca da fecundidade das

#### Educação

aproximações entre a antropologia e a educação<sup>1</sup>. Igualmente, a leitura do capítulo 8 - Educar para o diálogo, educar para a paz - encaminha a curiosidade do leitor/a ao texto de Theodor Adorno – Educação e emancipação – no intuito de seguir pensando para que serve a educação diante da memória do horror da experiência dos campos de concentração nazista.

No conjunto dos textos, a escrita de Carlos Rodrigues Brandão fortalece a cultura da paz como uma perspectiva a ser compreendida e assumida enquanto finalidade das práticas educativas emancipatórias. Importa ainda referir a relevância de uma obra que tematiza a educação para a paz diante do cenário atual, bem como da proposição da UNESCO acerca da Década das Culturas da Paz (de 2001 a 2010).

Enfim, a leitura de *A canção das sete cores* fortalece a compreensão tão óbvia quanto esquecida de que “a educação tem um lugar importante no avanço da paz em nosso mundo presente” (p.75). Fortalece sobretudo a crescente consciência da responsabilidade de nossas ações educativas com relação ao ambiente, à natureza e à vida enquanto expressão da diversidade dos compromissos que se inscrevem sob a perspectiva de uma educação para a paz. Trata-se, portanto, de que se perceba a amplitude do tema e a fecundidade da esperança que se evidenciam na metáfora sugerida por Carlos Rodrigues Brandão: a bandeira branca da paz que ganha setes cores.

#### REFERÊNCIA

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A canção das sete cores: educando para a paz*. São Paulo: Contexto, 2005, 220p.

---

<sup>1</sup>Ao final deste capítulo são apresentados, novamente, os oito valores-princípios enumerados ao final do capítulo 5.